



CONEXÃO

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA EM MOVIMENTO


**INSTITUTO
FEDERAL**
Espírito Santo
Campus
Vila Velha

MEDO *traumas*
coragem
insegurança
angústia *solidão* *vida*
SAUDADE *MEDO*
esperança
DOR *INCÔMODO*
INCERTEZAS *MEDO*
ansiedade

Pedagogia Hospitalar

Educação além dos
muros da escola

Ensino também é tratamento

LPVV na prática!

Comitê Científico

Diemerson da Costa Sacchetto - Pós-doutorado e Doutorado em Psicologia; Mestrado em História Social e Política (UFES); Especialista em Gestão de Políticas Públicas, Educação de Jovens e Adultos e Filosofia e Psicanálise; MBA em Gestão Escolar (USP); Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Psicólogo formado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Bacharel em Direito (UFES). Diretor Geral e Professor-Pesquisador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES - Campus Vila Velha), com atuação nos Cursos Técnicos, nas Graduações, no Doutorado/Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática (Educimat) e no Mestrado em Ensino de Humanidades (PPGEH); Presidente da Associação para o Desenvolvimento da Psicologia Social (ADEPS).

Maria Rita Prudente da Silva Souza - Graduada em Filosofia pela FESPI/UESC; Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar (UESC); Pós-graduada do Curso Formação Pedagógica para Educação Inclusiva (UESC/FORPEI). Idealizadora da Escola Curumim e Diretora Pedagógica do Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar - ATEHD da Rede Municipal de Itabuna; Voluntária no Gacc Sul Sul; Vice Presidente do Conselho Municipal de Educação de Itabuna/CME.

Fernanda Zanetti Becalli - Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Doutora em Educação pela UFES, com período de Doutorado-Sanduiche na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; Mestre em Educação pela UFES; Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Saberes; Licenciada em Pedagogia pela Faesa. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com atuação no Campus Vila Velha e no Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades (Campus Vitória); Diretora de Ensino no IFES Campus Vila Velha; Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização Escolar (Gespae) e integra o Grupo de Estudos em Microscopia (GEM); No IFES Campus Vitória atua como professora permanente no Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades (PPGEH, 2015), na linha de pesquisa Formação de Professores, orientando na temática alfabetização de crianças; Na UFES integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (Nepales) e o Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita.

Michele Waltz Comarú - Pós doutoramento no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Portugal); Doutora em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz/RJ com período de sanduiche na Universidad Autónoma de Madrid (Espanha); Mestre em Química Biológica; Licenciada em Biologia pelo Instituto Federal do Espírito Santo e bacharel em Farmácia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora e pesquisadora do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); Docente permanente dos Programas de Pós-graduação em Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (IOC-Fiocruz/RJ) (CAPES 7) e do Mestrado em Rede em Educação Profissional e Tecnológica (ProEPT-IFRJ) (CAPES 3); Editora-chefe da revista Educação Profissional e Tecnológica em Revista (ISSN 2594-4827), coordenadora adjunta do Núcleo de Inovação em Realidades Digitais (NIRD-IFRJ) e membro das seguintes Sociedades Científicas: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), Sociedade Brasileira de Ensino de Química SBEnQ (desde sua fundação) e Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio).

Cleonara Maria Schwartz - Pós-doutora e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Especialista em Educação Escolar pela Faculdade Espírito Santense de Administração (Faesa) e Licenciada em Letras Português pela UFES. Atualmente é professora da UFES e do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da mesma instituição. Além disso, desempenha o papel de Coordenadora Adjunta das ações do Pró-Letramento: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), de Coordenadora Adjunta do Projeto de Extensão Permanente intitulado Laboratório de Gestão da Educação Básica do Espírito Santo (LAGEBES) e de Vice-Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (NEPALES).

Apoio:

IFES - Instituto Federal do Espírito Santo /Campus Vila Velha.

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Tayná Silva Gimenes e Vycória Helena Soares Corrêa.
Este material foi preparado no software Canva.

Realização:

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES/Campus Vila Velha, por meio de seus Programas de Extensão Aquarela, LAPEC (Laboratório de Pesquisa e Ensino de Ciências) e CHGV (Classes Hospitalares na Grande Vitória).

Produção Editorial e Divulgação

Assessoria de Comunicação Social do IFES ACS/IFES; Programas de Extensão Aquarela, LAPEC (Laboratório de Pesquisa e Ensino de Ciências) e CHGV (Classes Hospitalares na Grande Vitória).

Série de Divulgação Científica, de periodicidade semestral, do IFES - Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vila Velha.

Av. Min. Salgado Filho, 1000 - Soteco, Vila Velha - ES, 29106 - 010

Coordenação: Direção de Pesquisa, Pós Graduação e Extensão do IFES - Campus Vila Velha

CONEXÃO, vol. 1, n. 1 | Junho, 2025

NIVEL DE CONTEÚDO: DIVULGAÇÃO

Autores



Tayná Silva Gimenes

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo IFES Campus Vila Velha; Bolsista pela PROEX.



Vycória Helena Soares Corrêa

Técnica em Química e Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo Ifes Campus Vila Velha.
Bolsista pela FAPES no Grupo de Estudos em Microscopia - GEM.



Iris Ozato Rocha

Licenciada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela UFES; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo IFES Campus Vila Velha.



Cynthia Torres Daher

Doutora em Ensino em Biociências e Saúde pelo IOC-FIOCRUZ/RJ; Mestre em Educação pela UFES; Especialista em Gestão Educacional; Coordenadora do Programa Aquarela.



Fabiana da Silva Kauark

PHD; Doutora e Mestre em Ciências da Educação pela UA /UFU; Mestre em Ensino de Ciências e Matemática: EDUCIMAT-ES; Especialista em Psicopedagogia; Coordenadora dos Programas Lapec: (Laboratório de Pesquisa e Ensino de Ciências) e CHGV (Classes Hospitalares na Grande Vitória).

umário

4

Educação além dos muros

4

O que é um espaço não formal de aprendizagem?

6

Primeiros passos da Pedagogia Hospitalar no Brasil

7

Ensino também é tratamento

9

Caça-palavras

10

Brinquedotecas e classes hospitalares

12

LPVV na prática!

13

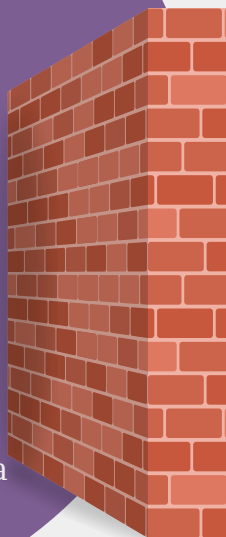
Alegria que transforma!

15

Projetos de extensão pedagógica

Educação ALÉM dos muros da escola

Quando falamos de Pedagogia Hospitalar, falamos de...



direitos e um grande passo para a inclusão. Pedagogia Hospitalar é o nome dado ao

trabalho realizado dentro dos hospitais, voltado para crianças e adolescentes que estão em tratamento médico e por isso, afastados de suas escolas. A ideia de que os processos de ensino e aprendizagem acontecem somente dentro da escola já não faz mais sentido nos dias de hoje, a educação ultrapassa os muros escolares e se estende a novos espaços, perspectivas e abordagens. Nesse cenário, a pedagogia hospitalar surge como uma importante modalidade educativa, garantindo o direito à educação a estas crianças e

adolescentes hospitalizados.

Falar sobre pedagogia hospitalar é falar sobre empatia, escuta e valorização da infância em todos os espaços, é entender que o hospital pode, e deve, ser um lugar onde o saber circula, a criatividade tem espaço e os direitos das crianças são respeitados. Ao tratarmos de pedagogia hospitalar, é fundamental compreender que os hospitais se configuram como Espaços Não Formais de Aprendizagem.

O QUE É UM:
**espaço não
formal de
aprendizagem?**



E

sses espaços são estruturados para promover experiências educativas, podem estar presentes em museus, bibliotecas, centros culturais, hospitais, ONGs, instituições sociais, parques, aquários, zoológicos, entre outros. Embora não façam parte do sistema escolar tradicional, são organizados, planejados e



Registros fotográficos da ação de extensão Ciência na Praça; Junho de 2025.

intencionais na promoção do conhecimento. Neles, a aprendizagem acontece de maneira flexível, adaptando-se às necessidades do sujeito, sem seguir, necessariamente, os mesmos critérios de avaliação, carga horária ou currículo rígido das escolas, características propostas na aprendizagem dentro dos hospitais. Assim, a educação não formal atua de forma complementar, ampliando

possibilidades de aprendizagem por meio de vivências significativas e contextos diversos.

REFERÊNCIAS:

MUTTI, Maria do Carmo da Silva. **Pedagogia Hospitalar e Formação Docente: A arte de ensinar, amar e se encantar**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. Edição Digital.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 14, n. 50, p. 27-38, mar. 2006.

para suspirar

Trilogia: Céu Aberto

de Maria Rita Prudente

Com sua grande sensibilidade e criatividade, Maria Rita nos mostra como a literatura infantil pode ser um poderoso instrumento de acolhimento e ressignificação de experiências tão difíceis como a doença e a morte. Permitindo que crianças lidem com o sofrimento de forma simbólica e esperançosa, a autora nos mostra que livros infantis são muito mais do que uma junção de palavras e desenhos, a literatura ensina, abraça e acolhe.



Maria Rita Prudente



Veja outros trabalhos da autora aqui:



Primeiros passos da

Pedagogia

Hospitalar

no Brasil

F

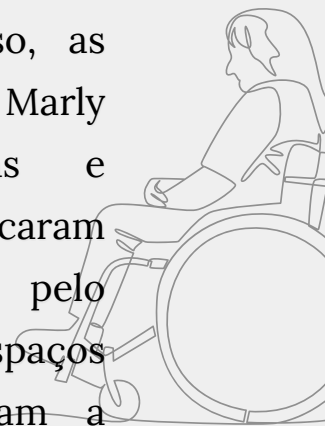
ruto de uma construção histórica marcada por desafios, avanços e ressignificações no campo dos direitos da criança e do adolescente, sobretudo no que se refere ao acesso à educação em situações de hospitalização, surge a pedagogia hospitalar.

No Brasil, os movimentos em defesa da educação de crianças hospitalizadas começaram a ganhar força especialmente a partir da década de 1940. Inicialmente, as ações eram isoladas, motivadas por profissionais sensíveis à realidade das crianças e dos adolescentes que, ao serem hospitalizados, sofriam não só com a doença, mas também com a ruptura de seus processos educativos.

Entre os hospitais pioneiros na implantação de classes hospitalares, destaca-se o Hospital Municipal Jesus, localizado no Rio de Janeiro, referência nacional no atendimento pediátrico. Em 1950, esse hospital foi um dos primeiros a oferecer atividades pedagógicas sistematizadas para crianças internadas, durante um período de alta nas internações de crianças acometidas pela poliomielite. Essa iniciativa pioneira foi uma resposta à necessidade urgente de oferecer às crianças hospitalizadas não apenas cuidados médicos, mas também a continuidade da aprendizagem e o fortalecimento de seus vínculos sociais, compreendendo que a educação também é parte do processo de cuidado e recuperação. Outro importante hospital que se destacou no cenário brasileiro foi o Hospital Barata Ribeiro, também no Rio de Janeiro. Ainda na década de 1950, esse hospital deu início a experiências pedagógicas no ambiente hospitalar, sendo um marco na luta pelos direitos educacionais das crianças em tratamento de saúde.

Duas figuras femininas foram fundamentais nesse processo, as professoras Lecy Rittmeyer e Marly Fróes Peixoto, visionárias e determinadas, elas se destacaram como precursoras na luta pelo direito à educação em espaços hospitalares. Elas enxergavam a educação como uma ponte entre o hospital e o mundo exterior, um instrumento de acolhimento, esperança e cidadania. Além destes hospitais, a Santa Casa da Misericórdia, uma das instituições hospitalares mais antigas do Brasil, também teve participação fundamental.

Em algumas de suas unidades, começaram a surgir projetos voltados para a educação hospitalar, ainda que de maneira pontual e, muitas vezes, voluntária, conduzidos por professores e profissionais da saúde que reconheciam a importância de manter o vínculo da criança com a família. Mesmo com alguns percalços, o caminho trilhado até aqui é sem dúvidas, uma conquista que reflete o compromisso social com uma educação verdadeiramente inclusiva.



você sabia?

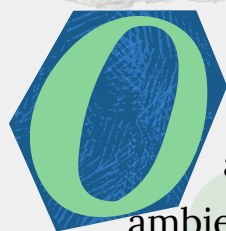
A professora Marly Fróes Peixoto, passou a dar aulas no Hospital Barata Ribeiro enquanto ficou internada por anos para o tratamento de reumatismo infeccioso. Em sua cadeira de rodas, cercada por crianças, se voluntariou a lecionar dentro da enfermaria, mostrando que quando há paixão e determinação, a educação pode alcançar a todos em qualquer lugar.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Kathy Souza Xavier de. RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Pedagogia hospitalar no Brasil: breve histórico do século XX aos dias atuais.** Políticas Educativas, Paraná, v. 14, n. 1, p. 140-148, 2020 – ISSN: 1982-3207.

Ensino também é tratamento

impactos do ensino para as crianças e adolescentes hospitalizados



O acesso à educação nesses ambientes busca a preservação da identidade do aluno, reforça a ideia de pertencimento e promove vínculos afetivos e sociais.

Ao proporcionar atividades pedagógicas adequadas à realidade de cada paciente, essa prática busca transformar o momento da hospitalização em algo mais leve para as crianças e adolescentes.

No Espírito Santo, muitas crianças que necessitam de tratamento intensivo saem de sua cidade natal para se direcionarem a hospitais estaduais na Grande Vitória. Por falta de recursos, muitas cidades não conseguem atender essas crianças o que obriga suas famílias a se realocarem, causando para a criança uma série de mudanças repentinas e dolorosas.

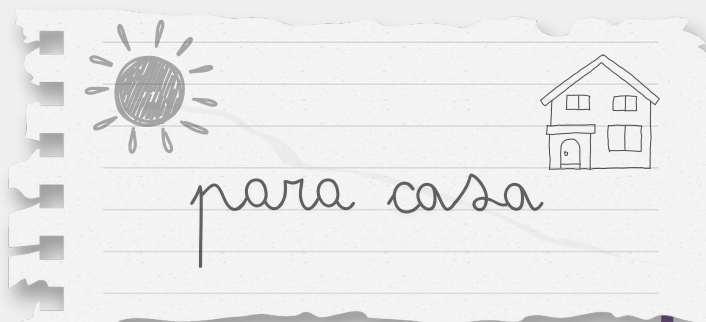
Sujeita ao afastamento, a alterações no seu cotidiano e procedimentos invasivos, em um ambiente desconhecido, todos esses acontecimentos colocam essa criança vulnerabilidade emocional. No campo social, a pedagogia hospitalar fortalece a comunicação, o vínculo com os outros e a autoestima, a criança deixa de se ver apenas como paciente e volta a se enxergar como estudante, como alguém com sonhos, capacidades e histórias para contar.

É necessária a realização de mais pesquisas, projetos e programas nesses ambientes com o objetivo de difundir a atuação pedagógica nos

hospitais, visando trazer mais profissionais da educação para a modalidade que ainda é desconhecida por muitos da área. Ensinar no hospital é também cuidar, ensinar nesse ambiente, é trazer esperança e sonhos de volta.

REFERÊNCIAS:

Silva, M. L. D. M., Bezerra, L. C., Timóteo, E. I., Lima, C. K. T., & Cabral, S. A. A. de O. (2024). **A Importância da Prática da Pedagogia Hospitalar para a Continuidade do Processo Educacional de Crianças Hospitalizadas**. ID on Line. Revista De Psicologia, 18(73), 312-336. <https://doi.org/10.14295/idonline.v18i73.4081>



Classes Hospitalares em Roraima: Impactos na inclusão de estudantes da Educação Básica e na formação de professores para a Pedagogia Hospitalar



Caça - palavras

O O S H H L N O T F A I T S T I T L
A T B H A E A R R L O O P T S E D G
C P E D U C A Ç Ã O E B T H S I R N
H A T F E K T S T E I U C U I D A R
F C E A E E T E P E D A G O G I A C
H I L H T R A T A M E N T O G R L A
T E H I O T L H R W R A O O L E I F
E N I N C L U S Ã O N G D E K I V N
F T I L C E N O O A E P E A O T R M
R E O N W H O S P I T A L A R O E O
E D R A E I S L H F E H L I S S T H
R T G B R I N Q U E D O T E C A O R

- | | | |
|-----------------|--------------|--------------|
| • ALUNO | • EDUCAÇÃO | • LIVRETO |
| • BRINQUEDOTECA | • HOSPITALAR | • PACIENTE |
| • CUIDAR | • INCLUSÃO | • PEDAGOGIA |
| • DIREITOS | • LEI | • TRATAMENTO |

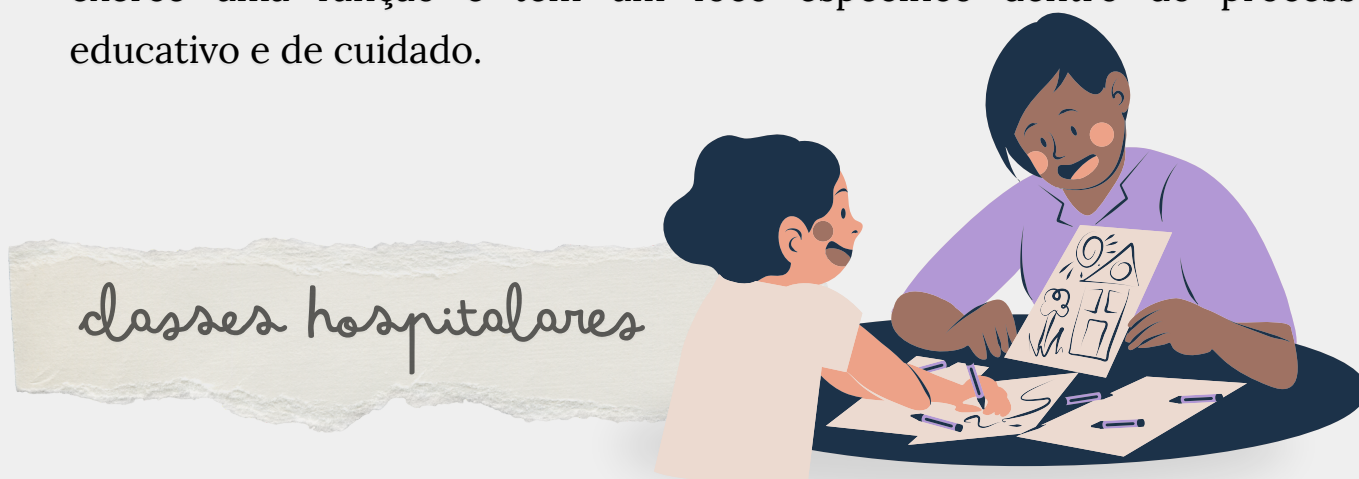
Fonte: <https://www.geniol.com.br/palavras/caca-palavras/criador/>

Brinquedotecas e classes hospitalares

Os dois braços da ação pedagógica nos hospitais



Encontramos a educação nos ambientes hospitalares através das brinquedotecas e das classes hospitalares, ambas participantes do universo da pedagogia hospitalar. Contudo, cada uma exerce uma função e tem um foco específico dentro do processo educativo e de cuidado.



Instauradas por meio de uma parceria com o Ministério da educação e o hospital, as classes hospitalares são espaços destinados ao atendimento pedagógico de crianças e adolescentes em tratamento de saúde. Elas funcionam como verdadeiras extensões da escola dentro do hospital, garantindo que o aluno-paciente mantenha o vínculo com os estudos, respeitando seu tempo e suas condições.



Classes Hospitalares - Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN)
Art. 4Aº: O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

“[...] atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado [...]”.

Nesse sentido, conforme reforçado pela Resolução CNE/CEB nº 2/2001, que regulamenta a educação especial em ambientes hospitalares, as classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.



Brinquedotecas hospitalares

Já as brinquedotecas hospitalares, apesar de não terem como foco principal o ensino formal, são ambientes lúdicos que promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança por meio do brincar. Elas contribuem indiretamente para a aprendizagem e são fundamentais para a humanização do ambiente hospitalar.



Brinquedotecas – Lei nº 11.104/2005. Esta lei torna obrigatória a implantação de brinquedotecas em hospitais públicos e privados que atendam pacientes internados na faixa pediátrica. Art. 1º:

“Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências”.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: maio de 2025.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001.** Estabelece as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica, incluindo o atendimento educacional em ambientes hospitalares. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEB_2001_2.pdf. Acesso em: maio de 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005.** Dispõe sobre a obrigatoriedade da implantação de brinquedotecas em hospitais que atendem crianças internadas. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/111104.htm. Acesso em: maio de 2025.

LpV na prática!

trabalho de extensão pedagógica



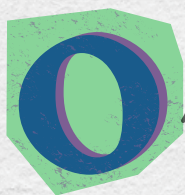
A criação de um livreto sobre brinquedoteca hospitalar surgiu a partir de uma ação de extensão realizada no Hospital Infantil e Maternidade Alzir Bernardino Alves - HIMABA. Essa experiência possibilitou um olhar mais sensível e aprofundado sobre o papel do pedagogo em espaços não formais. O livreto foi elaborado com o objetivo de disseminar informações relevantes sobre o funcionamento da brinquedoteca hospitalar, suas contribuições no contexto da hospitalização infantil e o papel do pedagogo nesse espaço. Ele também visa sensibilizar e orientar estudantes de licenciaturas sobre essa importante área de atuação ainda pouco explorada durante a formação inicial. Tais iniciativas como essa, reforçam o compromisso do instituto com a sua comunidade, além de proporcionar experiências únicas para os seus estudantes.



Trechos do livreto: Brinquedoteca hospitalar: A importância da atuação do pedagogo em espaços não formais. Autoria: Dhayane Prescholdt Dias, Paula Lopes Leite; Sergia Paula Pagani Melo; Cynthia Torres Daher e Fabiana da Silva Kauark.

Alegria que transforma!

Entrevista com os



Operários da



Alegria



É com imenso prazer que abrimos as páginas da nossa revista para receber os Operários da Alegria, um grupo de doutores-palhaços voluntários que tem feito a diferença na vida de crianças e adolescentes internados nos hospitais da Grande Vitória e de Cachoeiro de Itapemirim. Com um trabalho dedicado e repleto de afeto, esses doutores levam doses de riso, magia e esperança para quem mais precisa, provando que a alegria é o melhor remédio.



Veja mais:



Essa iniciativa nasceu do desejo genuíno de oferecer conforto e alegria a quem mais precisa, como relatou seu fundador, o Dr. Palhaço Eka, que lembrou o início simples do projeto, marcado por poucos voluntários e muitas limitações, mas impulsionado por uma enorme vontade de fazer o bem.

A organização do grupo se baseia em oficinas preparatórias para os

novos voluntários, nas quais são abordadas não apenas técnicas de palhaçaria, mas também a postura ética, o cuidado e o compromisso com os pacientes e suas famílias. Além dos palhaços, há conselheiros que colaboram com a organização e o andamento das ações, garantindo que o projeto mantenha sua essência e seu foco. Segundo um dos membros, o Dr. Palhaço

Tropeço, a missão principal dos Operários da Alegria é proporcionar momentos de leveza e descontração às crianças internadas, ajudando, mesmo que indiretamente, no processo de recuperação. Ele destaca que, ao brincar e chamar a criança pelo nome, o palhaço contribui para resgatar sua identidade, muitas vezes ofuscada pela condição de paciente.

No entanto, tornar-se voluntário também traz desafios. A principal preocupação está relacionada à saúde: é necessário um cuidado rigoroso para evitar a transmissão de doenças. Além disso, manter o distanciamento emocional é um dos obstáculos mais difíceis, já que o vínculo com os pacientes é inevitável, principalmente com aqueles com quem se convive frequentemente.

A interação com as crianças e seus familiares é feita de forma respeitosa e cuidadosa. Nesse sentido, os voluntários seguem os protocolos do Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), usam máscaras, evitam o contato físico e explicam sua postura para não gerar desconforto.

O grupo evita falar sobre doenças, buscando criar um ambiente leve e acolhedor, cada palhaço tem seu estilo, alguns usam magia, outros contam histórias, cantam ou improvisam, mas todos partilham o mesmo princípio: estar presentes com sensibilidade e respeito. O palhaço de hospital, como lembram os membros, não precisa ser engraçado o tempo inteiro, mas deve ser empático e atento ao que cada criança precisa naquele momento. Por fim, os membros do grupo ressaltaram que ser um Operário da Alegria vai além de vestir um jaleco colorido, é uma escolha de vida, um ato contínuo de entrega e sensibilidade. Como destacou o fundador, o projeto só existe porque há voluntários comprometidos com essa causa.

Para quem deseja participar, a Dra. Passoka deixa um conselho:

“O sentimento de ser um Operário da Alegria é de receber, muito mais do que doar”.

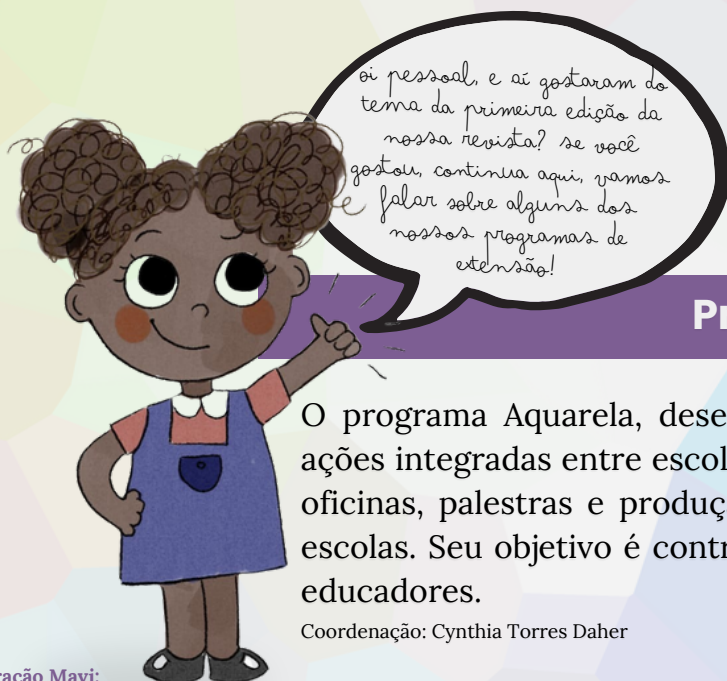


Ilustração Mavi:
Nicole Secchin Bazilio Nicolau

Programa Aquarela

O programa Aquarela, desenvolvido em Vila Velha e Colatina, promove ações integradas entre escolas, professores e alunos de Pedagogia. Realiza oficinas, palestras e produção de materiais com base em demandas das escolas. Seu objetivo é contribuir para a formação inicial e continuada de educadores.

Coordenação: Cynthia Torres Daher

FOPEC – Formação de Professores e Ensino de Ciências

O FOPEC é um grupo interdisciplinar formado por estudantes e docentes que desenvolve estudos sobre a formação de professores no ensino de Ciências. Atua em duas linhas principais: espaços não formais e práticas pedagógicas. Promove ações que integram teoria e prática, com foco em metodologias ativas e divulgação científica.

Coordenação: Cynthia Torres Daher e Fabiana da Silva Kauark

LAPEC – Laboratório de pesquisa e Ensino de Ciências

O programa do LAPEC, no Campus Vila Velha, promove atividades práticas para formação de professores e popularização da ciência. Envolve a comunidade acadêmica e externa em oficinas, jogos e visitas. Visa incentivar metodologias ativas e inovação no ensino de Ciências.

Coordenação: Cynthia Torres Daher e Fabiana da Silva Kauark

CHGV – Classes Hospitalares na Grande Vitória

Neste novo programa, os estudantes em formação para a docência têm a oportunidade de atuar em hospitais, unindo aprendizagem e prática pedagógica. Por meio de atividades lúdicas, contação de histórias e propostas educativas, eles contribuem para que crianças hospitalizadas possam continuar aprendendo, mesmo afastadas da escola.

Coordenação: Fabiana da Silva Kauark



Alô, Alô Leitora e Leitor, eu sou a Mavi e estou aqui para falar desse novo projeto... Esta é a Revista Conexão: Educação e Ciência em Movimento. Uma publicação idealizada para favorecer a constituição de novos saberes no campo científico educacional – especialmente na formação de professores – e para socializar ações de ensino, pesquisa e extensão do Campus Vila Velha do IFES, promovidas pelo Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências (LAPEC) e pelo Laboratório de Práticas Pedagógicas. Nesta primeira edição você pôde conhecer um pouco mais sobre a Pedagogia Hospitalar no âmbito de suas dimensões conceituais, históricas, legais e impactos sociais e ainda conhecer o programa de extensão CHGV (Classes Hospitalares na Grande Vitória) desenvolvido por acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus Vila Velha. E isso tudo é só o começo, vem com a gente?

Apoio



**INSTITUTO
FEDERAL**
Espírito Santo
Campus
Vila Velha



FOPEC
Formação de Professores e Ensino de Ciências



CHGV
Classes Hospitalares
na Grande Vitória

